



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14602 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

A COSMOVISÃO DA CRIANÇA INDÍGENA DÂW E O MORRO DA BOA ESPERANÇA EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AMAZONAS-BRASIL.

Patrícia Lisboa de Aguiar - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEAM

A COSMOVISÃO DA CRIANÇA INDÍGENA DÂW E O MORRO DA BOA ESPERANÇA EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AMAZONAS-BRASIL.

Resumo: A proposta aqui apresentada versa sobre as formas de transmissão do conhecimento entre as crianças indígenas do povo Dâw e o Morro da Boa Esperança. O objetivo é analisar a cosmovisão da criança indígena Dâw, levando em consideração as formas de transmissão do conhecimento entre o conhecimento científico e o Morro da Boa Esperança. A pesquisa é qualitativa e faz uso da pesquisa etnográfica e bibliográfica como procedimentos metodológicos. Os desenhos, a observação participante e o diário de campo foram os instrumentos de coleta utilizados no trabalho. O local da pesquisa é o Morro da Boa Esperança, situado em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, e a Escola Indígena Municipal Waruá no mesmo município. Os participantes são crianças Dâw bilíngues e o professor bilíngue de uma sala multisseriada do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Os resultados apontam que a escola é uma instituição social com forte participação dos agentes sociais; a transmissão do conhecimento é repassada pelos adultos nos afazeres do dia a dia; o espaço não formal do Morro da Boa Esperança com seus mitos e lendas favorecem o aprendizado. As conclusões apontam para novas possibilidades metodológicas no processo de ensino aprendizagem no cenário amazônico.

Palavras-chave: Criança Indígena, Educação Escolar Indígena, Espaço Não Formal, Saberes Científicos.

A Amazônia é um laboratório a céu aberto, possuindo infinitas possibilidades de estudos em todas as áreas do conhecimento. Diante dessa riqueza de possibilidades apresentamos uma proposta de trabalho realizada em São Gabriel da Cachoeira, a noroeste do Estado do Amazonas. Localizado a 850 quilômetros da Capital Manaus, às margens da Bacia do Alto Rio Negro. Integra um conjunto de terras indígenas, área contígua de 11 milhões de hectares, abrigando 23 etnias indígenas que ocupam a região há pelo menos dois mil anos, abrigando cerca de 10% da diversidade atual do Brasil (FOIRN, 2015). Essas etnias pertencem às Famílias Linguísticas Tukano, Aruak, Makú e Yanomami.

Na família linguística Maku estão as crianças do povo Dâw, sujeitos desse trabalho. Os Dâw são pejorativamente conhecidos como Kamã, termo que designa alguém inferior, selvagem, primitivo, servidor (MARTINS, 2004). Na mitologia do Alto Rio Negro, os Dâw se destacam por serem o rabo da cobra, ou seja, os últimos na organização social. Essa inferioridade, rabo da cobra, é a visão dos outros povos sobre os Makú.

Por muito tempo este povo foi escravizado, humilhado, tornado invisível, quase dizimado. Todavia, lutam todos os dias pela afirmação da identidade e, dessa forma, por sair do risco de extinção e do sentimento de inferioridade. Diante do exposto, o trabalho se torna importante por acreditar no reconhecimento dos saberes de um povo, extraídos das reações autônomas de crianças Dâw, e contribuir com o processo de ensino aprendizagem.

Por tanto, a problemática que moveu a pesquisa de investigação foi: De que maneira pode ser analisada a Cosmovisão da Criança Indígena Dâw, levando em consideração as formas de transmissão do conhecimento entre o conhecimento científico e o Morro da Boa Esperança?

Nessa perspectiva, para a apreensão do problema apresentado, delineou-se, neste trabalho, o seguinte objetivo geral: analisar a Cosmovisão da Criança Indígena Dâw, levando em consideração as formas de transmissão do conhecimento entre o conhecimento científico e o Morro da Boa Esperança.

1. Cosmovisão e o Povo Dâw

Dentro da cultura indígena, a cosmologia trata da compreensão de mundo, de universo. Nela constam as plantas, os animais, os seres humanos, inclusive aqueles que não estão mais entre os vivos, e outros seres que também são referenciados por eles. A cosmologia denota, assim, uma relação diferenciada que a cultura de um povo, enquanto sistema simbólico de organização social, estabelece com a organização material e espiritual da vida, uma ética planetária que remete ao sentimento de unidade com o universo. Falar em cosmovisão implica levar em conta as narrativas míticas que justificam a existência de uma ordem social (cosmo) contra os efeitos da incerteza (caos), sendo a principal delas os mitos

cosmogônicos, ou seja, os mitos de criação do universo. nesse sentido, buscamos nas indicações de Eliade (2007, p. 25) o entendimento de cosmologia:

Toda história mítica que relata a origem de alguma coisa pressupõe e prolonga a cosmogonia. Do ponto de vista da estrutura, os mitos de origem homologam-se ao mito cosmogônico. Sendo a criação do Mundo a Criação por excelência, a cosmogonia torna-se o modelo exemplar para toda espécie de “criação”. Isso não quer dizer que o mito de origem imite ou copie o modelo cosmogônico, pois não se trata de uma reflexão concertada e sistemática. Mas todo dito aparecimento – um animal, uma planta, uma instituição – implica a existência de um Mundo.

O tempo forma a cosmologia de todos os povos do alto Rio Negro, cada um com suas peculiaridades. Para os povos indígenas dessa região, a criação da humanidade surgiu a partir de uma grande cobra-canoa, à medida que essa cobra subia o rio, ela parava em determinados lugares e ali vomitava enfeites que carregava; cada vez que vomitava, surgia um povo indígena.

De acordo com alguns povos indígenas, o povo Dâw é o último trazido dentro do ventre da grande cobra, tornando-se o último no sistema de castas na organização social dos povos que habitam São Gabriel. Por conta disso, foi marginalizado e excluído por outros povos indígenas da região, mas para o povo Dâw, eles foram os primeiros a sair do ventre da cobra (ASSIS, 2006) indo em confronto com o mito dos outros povos.

2. Escola e Comunidade: relação de saberes

A Escola Municipal Indígena Waruá foi construída de frente para o Rio Negro, é uma escola pequena com 4 salas de aula, pintada com as cores amarela e vermelha, sua estrutura é de madeira com o alicerce em alvenaria, as portas, as janelas e as paredes são de madeira, e o teto de zinco. Em 2015 abrigava 36 alunos e 3 professores (SEMED, 2015), funciona com salas multisseriadas, atendendo desde a educação infantil até o ensino médio. Em 2016 atendeu com 6 professores: pela manhã, três turmas; pela tarde, uma; e pela noite, uma.

A Escola Waruá é a única escola da comunidade e atende não somente os Dâw, mas também os sítios aos arredores de Waruá. A palavra "sítios" empregada pelos professores e por todos em São Gabriel não possui o mesmo significado da denominação de sítios como em outros lugares do Brasil. Em Waruá são locais fora da cidade onde são construídas moradias, são comunidades ribeirinhas indígenas, mas nem todas possuem escola.

Essa interação com o ambiente é observada no processo de formação dos saberes dos pequenos Dâw, o que inclui atividades coletivas entre as crianças e os adultos. Isso possibilita a flexibilização das atividades da escola, as crianças e os professores participam da limpeza no centro onde está instalada a escola indígena Waruá. O aprender da criança Dâw inicia-se nas aprendizagens informais do dia a dia, como em dias de ajuri, atividades que envolvem

toda a comunidade com um objetivo em comum, a limpeza e a capinação no sítio.

A participação da criança Dâw nos trabalhos comunitários é intensa, não existe restrição para elas, como fazer fogo na hora de queimar as folhas após a limpeza. Observei que privar a criança Dâw desse tipo de aprendizado é negar sua própria sobrevivência futura, pois esses ensinamentos só se aprendem dentro da coletividade, são saberes construídos e repassados de geração a geração e estão sempre presentes em cada sujeito que é o construtor de sua própria história dentro da Amazônia (SOUZA, 2013). Para o povo Dâw, essa interação por meio dos afazeres produz ensinamento e aprendizado, é o fazer e o viver em sociedade.

3. O morro e as crianças Dâw

O Morro da Boa Esperança faz parte da visão holística das crianças Dâw. Localizado no centro da cidade de São Gabriel, possui 200m de altura, é considerado como Zona Especial Histórico-Cultural. O morro possui várias trilhas, sendo que a principal tem desvios e rotas de fuga. Também podem ser observadas pequenas estações que são trafegadas pela comunidade no período da Páscoa, conhecida como Via Cruzes. Essas estações vão até o cume do morro, formado por rochas gigantes, postas uma em cima da outra, com dois oratórios no alto.

A subida pela trilha principal leva em torno de 30 minutos de caminhada, as demais trilhas estão em mata primária, aberta e fechada, um imenso paredão é visto em uma dessas trilhas. Existem a presença de grutas e pequenas cavernas em torno do morro, também nascentes, onde há, em algumas delas, a presença de camarões.

O Morro da Boa Esperança é muito mais do que trilhas, monumentos, cavernas e paredões, vai muito além da visão do Kariú (homem branco), é um lugar rico em histórias e saberes. Isso, percebemos que por meio da fala dos antigos a memória surge com naturalidade, narram cada acontecimento de construção de sua própria história, a memória mantém o que foi repassado na infância por avós e pais que se dispuseram a compartilhar suas lembranças.

O morro aqui apresentado é um lugar rico em histórias, lendas e mitologias no universo indígena. Muitas dessas histórias não são encontradas em registros escritos, somente em registros verbais através da trajetória de vidas dos povos que habitam São Gabriel da Cachoeira - AM. Nesse sentido, um dos postos-chave é ouvir e entender como essas histórias são colocadas na compreensão de duas crianças indígenas Dâw:

O curupira que vive no morro é cego e cuida de cada coisa que está no morro. Antes tinham dois curupiras. Um foi morto pelas águas benzidas que jogaram no morro e outro que era o mais brabo deles conseguiu viver, mas ficou cego com tanta água benzida.

As palavras das duas meninas produziam significados sobre o mundo em que viviam dentro do universo cosmológico do Morro da Boa Esperança. Os saberes presentes no morro são muitos e possibilitam o conhecimento científico através da sua historicidade, mitologia, fauna, flora e por meio das construções de identidade, o sentimento de pertencimento que as

crianças compartilham pelo lugar em que vivem é perceptível.

Relacionar o conhecimento científico e o conhecimento tradicional Dâw no Morro contribui com o processo de ensino aprendizagem, e os elementos encontrados nesse contexto podem ser trasladados para a sala de aula

Metodologia

Os campos empíricos tratam-se da Escola Indígena Municipal Waruá localizada na área rural e do Morro da Boa Esperança localizado no centro da cidade de São Gabriel da Cachoeira - AM. Os sujeitos são crianças indígenas bilíngues da etnia Dâw, de uma sala multisseriada de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. As salas multisseriadas são caracterizadas pela presença de um único professor que leciona todas as disciplinas para diferentes séries ao mesmo tempo e em um único espaço.

A pesquisa é de cunho qualitativo e faz uso da pesquisa etnográfica e bibliográfica como procedimentos metodológicos. Richardson (2012) enfatiza que a pesquisa qualitativa é mais adequada para os fenômenos sociais no aspecto metodológico, nas formas de coletas e da análise dos dados.

Resultados

Os resultados apontam que a escola é uma instituição social com forte participação dos agentes sociais; a transmissão do conhecimento é repassada pelos adultos nos afazeres do dia a dia; o espaço não formal do Morro da Boa Esperança com seus mitos e lendas favorecem o aprendizado.

As respostas das crianças nos desenhos surgem em forma de símbolos, deixando claras suas preferências dentro de Waruá, assim como o futebol e o rio, a escola também é um espaço de estaque nos desenhos, ela está em harmonia com o ambiente da comunidade em que vivem. Isso é um fator importante na cultura Dâw, não existe a obrigatoriedade de a criança frequentar a escola, se ela, de uma hora para outra, decidir que não quer mais frequentar as aulas, sua vontade é respeitada.

Considerações Finais

Concluimos que a cosmovisão da criança Dâw ocorre a partir do imaginário, e a relação dos conhecimentos científicos e dos saberes tradicionais indígenas Dâw surgem a partir do lugar em que essas crianças vivem (Waruá), ou seja, através do fazer/aprender e de sua visão holística diária do Morro da Boa Esperança, é dessa maneira que elas fazem a leitura de mundo.

No contexto amazônico os espaços não formais são ideais para possibilitar o ensino das ciências. O Morro da Boa Esperança é um lugar rico em saberes que podem ser utilizados como instrumentos pedagógicos dentro de todas as esferas do conhecimento. Nessa

perspectiva, a trilha principal do morro favorece a ampliação do espaço da sala de aula, assim como a oportunidade de realizar um trabalho interdisciplinar, fazendo com que os temas trabalhados tenham significados para a vida das crianças indígenas Dâw

REFERÊNCIAS

ASSIS, Lenita de Paula Souza. **Quando o Fim é o Começo: Identidade e Estigma na História do Povo Dâw no Alto Rio Negro**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2006.

FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. Disponível em: Acesso em: 17/03/2015.

MARTINS, Silvana Andrade. **Fonologia e gramática Dâw**. Tese de doutorado, Vrije Universiteit, Amsterdam, 2004.

SEMEC, Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura de São Gabriel da cachoeira, 2015.

SOUZA, José Camilo Ramos de. **A Geografia nas Escolas das Comunidades Ribeirinhas de Parintins: Entre o Currículo, o Cotidiano e os Saberes Tradicionais**. São Paulo: USP, 2013. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.